

DIÁLOGO DO SANTO PADRE COM OS PARTICIPANTES NO ENCONTRO INTERNACIONAL PARA JOVENS CONSAGRADOS

Aula Paulo VI - Vaticano | 17.SET.2015

Às 9h00 desta manhã, na Aula Paulo VI, o Santo Padre recebeu em audiência os participantes no Encontro Internacional para Jovens Consagrados (15-19 de Setembro de 2015), que decorre em Roma no contexto do Ano da Vida Consagrada. Publicamos aqui a transcrição do diálogo entre o Papa e os jovens presentes na audiência:

Bom dia!

Agradeço-vos. O Cardeal Prefeito disse-me que sois cinco mil jovens consagrados. Eu vou começar pelas perguntas que preparastes e que tivestes a fineza de me enviar. Antes de mais, sei que, entre vós, há consagrados do Iraque e da Síria. Quero começar com um pensamento aos nossos mártires de hoje. Talvez conheçais muitos ou pelo menos alguns... Há dias, na Praça (*de S. Pedro*), um sacerdote iraquiano aproximou-se e deu uma cruz pequena: era a cruz que tinha na mão o sacerdote que foi degolado para não renegar a Jesus Cristo. Tenho aqui essa cruz... À luz destes testemunhos dos nossos mártires de hoje – que são mais do que os mártires dos primeiros séculos -, e também dos vossos mártires da vossa terra iraquiana e síria, quero começar o nosso diálogo agradecendo ao Senhor: que a sua Igreja complete no seu corpo o que falta à Paixão de Cristo, ainda hoje; e pedindo a graça do pequeníssimo martírio quotidiano, do martírio de cada dia, ao serviço de Jesus e da nossa vida consagrada.

Agora, fazei as vossas perguntas, e depois veremos...

PRIMEIRA PERGUNTA

Santo Padre, o Evangelho, que todos nós consagradas e consagrados abraçamos como nossa forma de vida, diz-nos que o Senhor Jesus, aos dois discípulos que o seguiam e lhe pediam: “Onde moras?”, respondeu: “Vinde e vede”. Nestes dias fizemos memória do nosso chamamento e de muitos outros chamamentos que o Senhor nos dirigiu desde que respondemos pela primeira vez ao seu convite a segui-lo e de modo profético. Santo Padre, também o senhor ouviu o chamamento à vida consagrada e seguiu Jesus; também o senhor se há de recordar daquela “hora décima” do chamamento. Será muito atrevimento pedir-lhe que partilhe connosco como foi o seu primeiro chamamento, naquela primavera de setembro de 1953... Que é que o fascinou em Jesus e no Evangelho? Porque se tornou religioso e sacerdote?

PAPA: Donde és tu? (aplausos)

R. – Sou de Alepo, Síria... (aplausos)

SEGUNDA PERGUNTA (em inglês)

Caro Santo Padre, na Evangelii gaudium, “A alegria do Evangelho”, recorda-nos que todos os batizados, qualquer que seja o seu estado na Igreja ou seu nível de instrução na fé, são operadores de evangelização e que esta evangelização, tarefa missionária, deveria ser realizada com espírito: uma evangelização que arde dentro do próprio coração e que é muito diferente de uma série de tarefas vividas como obrigação pesada, que simplesmente se toleram ou suportam, como algo que contradiz as inclinações e os desejos pessoais. Querido

Santo Padre, qual é a missão dos jovens consagrados na Igreja, hoje? Para onde devemos caminhar? A quem devemos dirigir-nos a pedir ajuda e como? Para onde nos envia a Igreja?

PAPA: Como te chamas? Donde és tu e a qual instituto pertences?

R. – (em inglês) Santo Padre, eu chamo-me Irmã Maria Jacinta, venho da Índia e pertenço à Irmãs de Maria Menina.

TERCEIRA PERGUNTA (em espanhol)

Santo Padre, esta pergunta escreveu-a uma irmã de clausura, que não pôde estar aqui conosco hoje ... Porque creio que possa dizer respeito a todos os consagrados. Nós, jovens consagrados de hoje, pertencemos a uma geração que alguns definiram como “líquida e instável”, com poucas raízes, que tem dificuldade em comprometer-se totalmente. As nossas famílias, por vezes, não estão estruturadas; pertencemos a uma geração que frequentemente prefere a comodidade e o relativismo, tudo o que é imediato, light, de usar deitar fora... Depois de concluir a primeira etapa da formação à vida consagrada e de ter feitos os votos solenes, também nós muitas vezes experimentamos uma certa instabilidade no nosso itinerário no seguimento de Cristo. Como evitar cair na mediocridade?

RESPOSTA DO PAPA FRANCISCO

Agradeço-vos Sara, Maria Jacinta e Pedro. Agradeço aos três.

Começando pela Sara, porque tu tocas um problema muito sério, que é a comodidade na vida consagrada: “devemos fazer isto..., estejamos tranquilos..., eu observo todos os mandamentos que devo observar aqui, as regras..., são observadas...”. Mas o que santa Teresa de Jesus dizia sobre a observância rígida e estruturada, isso tira a liberdade. E ela era uma mulher livre! Tão livre que teve que confrontar-se com a Inquisição. Há uma liberdade que vem do Espírito e há uma liberdade que vem da mundanidade. O Senhor chama-vos – e chama-nos a todos – àquilo que o Pedro chamou “modo profético” da liberdade, isto é a liberdade que está unida ao testemunho e à fidelidade. Uma mãe que educa os filhos na rigidez - “é assim que se faz, se deve, se deve, se deve...” - e não deixa que os filhos sonhem, que tenham sonhos e que não deixa os filhos crescer, anula o futuro criativo dos filhos. Os filhos serão estéreis. Também a vida consagrada pode ser estéril, quando não é verdadeiramente profética; quando não se permite sonhar. Pensemos em Teresa do Menino Jesus: fechada num convento, também com uma priora não muito fácil; alguns pensavam que a priora fazia as coisas para a perturbar ... Mas aquela irmãzinha de 16, 17, 18, 20, 21 anos sonhava! Nunca perdeu a capacidade de sonhar, nunca perdeu os horizontes! A ponto de que, hoje, é a Padroeira das missões; é a Padroeira dos horizontes da Igreja. E aquilo que santa Teresa chamava “almas concertadas” é um perigo. É um grande perigo. Ela era uma freira de clausura, mas andou pelas estradas de toda a Espanha, a fazer fundações, e conventos. E nunca perdeu a capacidade de contemplação. Profecia, capacidade de sonhar é o contrário da rigidez. Os rígidos não podem sonhar. Pensemos nas belas coisas que Jesus diz aos rígidos do seu tempo, aos consagrados rígidos do seu tempo, no capítulo 23 de S. Mateus. Lede-o. Esses são os rígidos. E a observância não deve ser rígida; se a observância for rígida não será observância, mas egoísmo pessoal. É procurar a si mesmos e sentir-se mais justos que os outros. “Agradecemos-te, Senhor, porque não somos como aquela irmã, como aquele irmão, como aquele... Agradeço-te porque a minha Congregação é verdadeiramente católica, observante, e não como aquela Congregação que vai por ali, aquela lá, e de lá...”. Este é o discurso dos rígidos. Mas haveis de encontrar todas estas coisas no capítulo 23 de S. Mateus. Teresa chama-lhes “almas concertadas”. E como não tornar-se isso? Ter o coração sempre aberto àquilo que diz o Senhor; e aquilo que diz o Senhor, levá-lo a diálogo com o superior, com o mestre ou a mestra espiritual, com a Igreja, com o bispo. Abertura, coração aberto, diálogo, também comunitário.

“Mas, Padre, nós não podemos dialogar, porque quando dialogamos acabamos a litigar...”. “Mas está bem! Também Pedro, Paulo, Tiago, nos primeiros tempos – leiam os Atos dos Apóstolos - litigavam fortemente. Mas depois estavam tão abertos ao Espírito Santo que tinham essa capacidade de se perdoarem. Estou para dizer uma palavra um pouco difícil. Falovos sinceramente: um dos pecados que muitas vezes encontro na vida comunitária é a incapacidade do perdão entre os irmãos, entre as irmãs. “Ah, aquela vai pagar-mas! Vou fazê-la pagar!...”. E isto é sujar tudo! Os mexericos numa comunidade impedem o perdão, e levam a afastar-se cada vez mais uns dos outros, a afastar-se do outro. Gosto de dizer que os mexericos não só são pecado – porque mexericar é pecado, confessai-vos se fazeis isso... É pecado! -, mas mexericar é também terrorismo! Porque quem faz mexericos “lança uma bomba” sobre a fama do outro e destrói o outro, que não pode defender-se. Porque sempre se fazem mexericos na obscuridade, não à luz. E a obscuridade é o reino do diabo. A luz é o Reino de Jesus. Se tens alguma coisa contra o teu irmão, contra a tua irmã, vai... Antes reza, acalmarás a alma, e depois vai dizer-lho a ele, a ela: “Eu não estou de acordo com isso... tu fizeste uma coisa má...”. Mas nunca, nunca lançar a bomba do mexerico. Nunca, nunca! É a peste da vida comunitária! E assim o religioso, a religiosa, que consagrou a sua vida a Deus, torna-se um terrorista e uma terrorista, porque lança na sua comunidade uma bomba que destrói.

Sara, tu falaste também da instabilidade do nosso seguimento. Sempre, desde o princípio da vida consagrada, há momentos de instabilidade: são as tentações. Os primeiros monges do deserto escrevem sobre este tema e ensinam-nos como encontrar a estabilidade interior, a paz Mas sempre haverá tentações, sempre, sempre... A luta será até ao fim. E voltando a santa Teresa do Menino Jesus, ela dizia que se deve rezar por aqueles que estão para morrer, porque é aí que se encontra o momento de maior instabilidade, em que as tentações vêm com toda a força. Culturalmente, é verdade, vivemos um tempo muito, muito instável, um tempo que parece “um pedaço de tempo”: vivemos a cultura do provisório. Dizia-me um bispo – há um ano ou dois, mais ou menos – que foi ter com ele um bravo jovem, um profissional, que queria ser padre, mas apenas por dez anos: “depois veremos...”. Mas isto acontece, acontece: a nossa cultura é do provisório. Também nos casamentos: “Sim, sim, nós casamo-nos! Enquanto houver amor... quando o amor acabar, adeus, adeus: tu vais para tua casa, e eu vou para a minha”. E esta cultura do provisório entrou na Igreja, entrou nas comunidades religiosas, entrou nas famílias, no matrimónio... A cultura do definitivo: Deus enviou o seu Filho para sempre! Não provisoriamente, a uma geração ou a um País: a todos. A todos e para sempre. E este é um critério de discernimento espiritual. Estou na cultura do provisório? Por exemplo, para não separar-se, para tomar compromissos definitivos.

Tu, Maria Jacinta, falaste da evangelização. Uma evangelização – citaste – que arde no coração: a vontade de evangelizar, onde o coração arde, com o coração que arde. Isto é o zelo apostólico. Evangelizar não é o mesmo que fazer proselitismo. Nós não somos uma associação de futebol que procura sócios, aderentes... Evangelizar não é apenas convencer, é testemunhar que Jesus Cristo está vivo. E como te presto este testemunho? Com a tua carne, com a tua vida. Tu podes estudar, podes fazer cursos de evangelização, e isto é bom, mas a capacidade de aquecer os corações não vem dos livros, vem do teu coração! Se o teu coração arder de amor por Jesus Cristo, serás um bravo evangelizador ou uma brava evangelizadora Mas se o teu coração não arder e olhas apenas para as coisas da organização, que são necessárias, mas secundárias... E aqui queria – perdoai-me se sou um pouco feminista – agradecer o testemunho das mulheres consagradas – não todas, com certeza, porque há algumas históricas! -: vós tendes esta vontade de ir sempre para a primeira linha. Porquê? Porque sois mães, tendes a maternidade da Igreja, que vos torna próximas. Recordo em Buenos Aires, um hospital que tinha ficado sem irmãs, porque eram poucas, idosas, e aquela Congregação estava quase a terminar... - porque os institutos religiosos são todos provisórios: o Senhor escolhe um, por um tempo, depois deixa-o e escolhe outro; ninguém pode permanecer para sempre; é uma graça de Deus, e alguns são para aquele tempo; isto fique

claro - ... estas irmãzinhas, pobrezinhas, eram idosas... E falaram-me de uma Congregação da Coreia: as Irmãs da Sagrada Família de Seul. Por meio de um sacerdote coreano chegaram finalmente as irmãs coreanas àquele hospital, em Buenos Aires, onde se fala espanhol. E elas sabiam espanhol como eu sei chinês: nada. No segundo dia, foram às salas, nas enfermarias. Foram às enfermarias com os gestos, com uma carícia, com um sorriso... Os doentes diziam: “Que lindas irmãs! Como trabalham! Como são boas!”. “Mas disseram-te alguma coisa?” “Não, nada”. Era o testemunho de um coração que ardia. É a maternidade das irmãs. Não perca isto, por favor! Porque a irmã é ícone da Mãe Igreja e da Mãe Maria. Vós tendes verdadeiramente esta função na Igreja: ser ícone da Igreja; ícone de Maria; ícone da ternura da Igreja, do amor da Igreja, da maternidade da Igreja e da maternidade de Nossa Senhora. Não esqueçais isto. Sempre na primeira linha, mas assim. E, além disso, a Igreja é esposa de Jesus Cristo – termino com as irmãs - e as irmãs são esposas de Jesus Cristo, e tomam toda a força lá, diante do sacrário, diante do Senhor, na oração com o seu Esposo, para levar a sua mensagem. Devo apressar-me um pouco porque há muito trabalho hoje!

E tu, Pedro, disseste a palavra-chave: seguir Jesus mais de perto; perto, proximidade; de maneira profética. Falei disto, da profecia, quando respondi a Sara. E uma outra palavra, que é chave, na vida consagrada: memória. Ou seja profecia, proximidade, memória. De profecia já falei. Proximidade. Proximidade entre vós e com os outros. Proximidade com o povo de Deus. Um companheiro de trabalho do meu pai – vários companheiros tinham entrado na Argentina depois da guerra civil espanhola e eram anticlericais -, uma vez um deles adoeceu com uma infecção má, e a mulher trabalhava também e eram três filhos. Isto chegou ao conhecimento de uma Congregação, Les Petites Soeurs de l'Assomption, aquelas boas irmãs fundadas pelo padre Pernet. O seu trabalho... Naqueles tempos, depois das orações, iam para as casas onde havia dificuldades. Todas eram enfermeiras e cuidavam dos doentes, levavam as crianças à escola, faziam de criadas e, depois, às quatro da tarde voltavam para casa. Uma delas foi à superiora, porque havia um caso difícil. Disse: “Vou eu”. Imaginai o que disse aquele homem a esta irmã: os palavrões mais feios. Mas ela tranquila, fazia o seu trabalho, cuidava das feridas, levava as crianças, fazia de comer. E depois, depois de mais de um mês, aquele homem ficou curado. Ficou curado. Voltou ao trabalho. Alguns dias depois saíam do trabalho ele e três ou quatro companheiros anticlericais. Passavam pela estrada duas irmãs e um deles disse palavrões, contra as irmãs. O outro, com um murro, deitou-o por terra e disse: “Sobre os padres e sobre Deus, diz tudo o que quiseres, mas contra as irmãs e contra Nossa Senhora, não digas nada!”. Pensai, um ateu, um anticlerical, porquê? Porque tinha visto a maternidade da Igreja, tinha visto o sorriso de Nossa Senhora naquela irmã paciente que cuidava dele, fazia de sua criada, cuidava da casa e levava as crianças e ia busca-las à escola. Não esqueçais isto, irmãs: vos sois o ícone da Santa Mãe Igreja e da Santa Mãe Maria. Não esqueçais isto. E a Igreja agradece-vos isto, é um belo testemunho. E isto é proximidade, - sede próximas -, proximidade aos problemas, aos verdadeiros problemas.

E outra palavra-chave é memória. Eu penso que Tiago e João não esqueceram aquele encontro com Jesus. Os outros apóstolos o mesmo. Pedro: “Tu és Pedro”; Nicodemos; Natanael... O primeiro encontro com Jesus. A memória, a memória da própria vocação. Nos momentos obscuros, nos momentos de tentação, nos momentos difíceis da nossa vida consagrada, voltar às fontes, fazer memória e recordar o espanto que sentimos quando o Senhor nos olhou. O Senhor olhou-me. O Senhor olhou-me... Memória.

E tu pediste-me para partilhar a minha memória, como foi, naquele primeiro chamamento no dia 21 de setembro de 1953. Mas não sei como foi. Sei que, por acaso, entrei na igreja, vi um confessor e saí diferente, saí de outra maneira. A vida mudou ali. E que é que me fascinou em Jesus e no Evangelho? Não sei... a sua proximidade comigo: o Senhor nunca me deixou só, também nos momentos maus e obscuros, também nos meus pecados... Porque também devemos dizer isto: todos somos pecadores. E fazemo-lo em teoria, mas não na prática! Eu recordo os meus e envergonho-me. Todavia naqueles momentos, nunca o Senhor me deixou só. E não só a mim, mas a todos. O Senhor nunca deixa ninguém sozinho.

E eu senti este chamamento para me tornar sacerdote e religioso. O sacerdote que me confessou naquele dia, que eu não conhecia, estava ali casualmente, porque tinha leucemia, estava a curar-se, e morreu um ano depois. E depois guiou-me um Salesiano, como tu, um Salesiano que me tinha batizado. Fui ter com ele e ele guiou-me para os Jesuítas... Ecumenismo religioso! Mas nos momentos mais maus, ajudou-me tanto a memória daquele primeiro encontro, porque o Senhor nos encontra sempre definitivamente, o Senhor não entra na cultura do provisório: Ele ama-nos para sempre, acompanha-nos para sempre.

E portanto: proximidade às pessoas, proximidade entre nós; profecia com o nosso testemunho, com o coração que arde, com o zelo apostólico que aquece os corações dos outros, também sem dizer palavras, como aquelas irmãzinhas coreanas; e memória, voltar sempre.

E dou-vos um conselho, tomai o livro do Deuteronomio, onde Moisés faz a memória do povo, e fazei memória da vossa vida: “Quando eu era escravo lá, como o Senhor me libertou, e como...”. É bonito. No fim, quase no fim do Livro ensina como se deve ir e fazer a oferta ao templo, diz: “Meu pai era um arameu errante...”. Aprender a contar a própria vida diante do Senhor: “Eu fui escravo, escrava, o Senhor libertou-me, e por isso venho e faço festa!”. Fazer festa: quando tu recordas as maravilhas que o Senhor fez na tua vida, vem-te a vontade de fazer festa, vem-te um sorriso de orelha a orelha!, um daqueles sorrisos belos, porque o Senhor é fiel! Profecia, memória, proximidade, coração que arde, zelo apostólico, cultura do definitivo, não ao usa e deita fora.

E quero acabar com duas palavras. Uma que é o símbolo da pior, não sei se da pior mas de uma das piores atitudes de um religioso: mirar-se ao espelho a si mesmo, o narcisismo. Tende cuidado com isto. E nós vivemos numa cultura narcisista, e sempre temos essa tendência a mirar-nos a nós mesmos ao espelho. Não ao narcisismo, a olhar para si mesmos. E sim ao contrário, àquilo que despoja de todo o narcisismo, sim à adoração. E eu creio que este é um dos pontos em que devemos avançar. Todos nós rezamos, damos graças o Senhor, pedimos favores, louvamos o Senhor... Mas eu pergunto: adoramos o Senhor? Tu, religioso ou religiosa, tens a capacidade de adorar o Senhor?. A oração de adoração silenciosa: “Tu és o Senhor”, é o oposto ao espelhar-se próprio do narcisismo. Adoração, quero acabar com esta palavra: sede mulheres e homens de adoração. E rezai por mim. Obrigado.

[01488-IT.01] [Testo original: Italiano]